

Uma cultura de violência e morte

A rotina de violência – gerada por décadas de disputas políticas, confronto entre guerrilha e exército, expansão do narcotráfico, ação de grupos de extermínio – impõe uma macabra lógica à sociedade colombiana, onde matar ou ser morto se tornaram as únicas alternativas, inclusive para muitos jovens



Em poucos países do mundo, os assassinatos por motivações políticas são tão corriqueiros como na Colômbia (ao lado, enterro de um dirigente de esquerda)

Mario Osava*



A jornalista tinha ido visitar o monumento a Carlos Gardel. Claro, era argentina. Medellín tem, além da estátua em homenagem ao cantor, uma rua que é fechada nos fins de semana para se dançar o tango. É que Gardel morreu lá, num acidente de avião. A morte consolidou os laços entre a cidade, Gardel e o tango.

Logo depois de saltar do táxi, a jornalista foi abordada por um assaltante, que queria sua bolsa e a máquina fotográfica. Antes que pudesse ter plena consciência do que acontecia, o taxista saiu do carro armado de uma navalha e gritando. O ladrão, apavorado, bateu em retirada.

Na volta ao hotel, o motorista foi falando sobre a violência na cidade e contou que tinha sido de uma milícia popular organizada pelo Exército de Libertação Nacional (ELN), um dos maiores e mais antigos grupos guerrilheiros da Colômbia. Daí o seu “traquejo” e tranquilidade em enfrentar bandidos.

As milícias são uma vertente da chamada “limpeza social”, uma tradição colombiana que leva comunidades ou grupos de pessoas a se organizarem para o extermínio de delinquentes e outras pessoas consideradas anti-sociais... apenas uma das numerosas indústrias da morte no país. A Colômbia registra anualmente cerca de 30 mil homicídios, um índice elevadíssimo para um país de 35 milhões de habitantes.

A morte faz parte da relação dos colombianos com muitas coisas, além de Gardel. Com a política, por exemplo. A

Federação Colombiana de Municípios listou 23 prefeitos assassinados de junho de 1993 a outubro passado, quando as eleições programadas não puderam se realizar em várias cidades, por falta de gente com suficientes ímpetos suicidas para se candidatar.

Sindicalistas, líderes comunitários e mesmo professores são também sistematicamente mortos, seqüestrados ou ameaçados de morte. Contam-se aos milhares os que tiveram que refugiar-se em outras regiões para escapar a ameaças que, como se sabe, na Colômbia em geral se cumprem. Há sempre muitos seqüestrados no país. Contabilizavam-se mais de 300 no começo de março, muitos dos quais mantidos durante longos meses no cativeiro. Nesse tipo de violência se destaca a guerrilha, mas também o praticam as máfias de traficantes e os paramilitares.

Juventude suicida

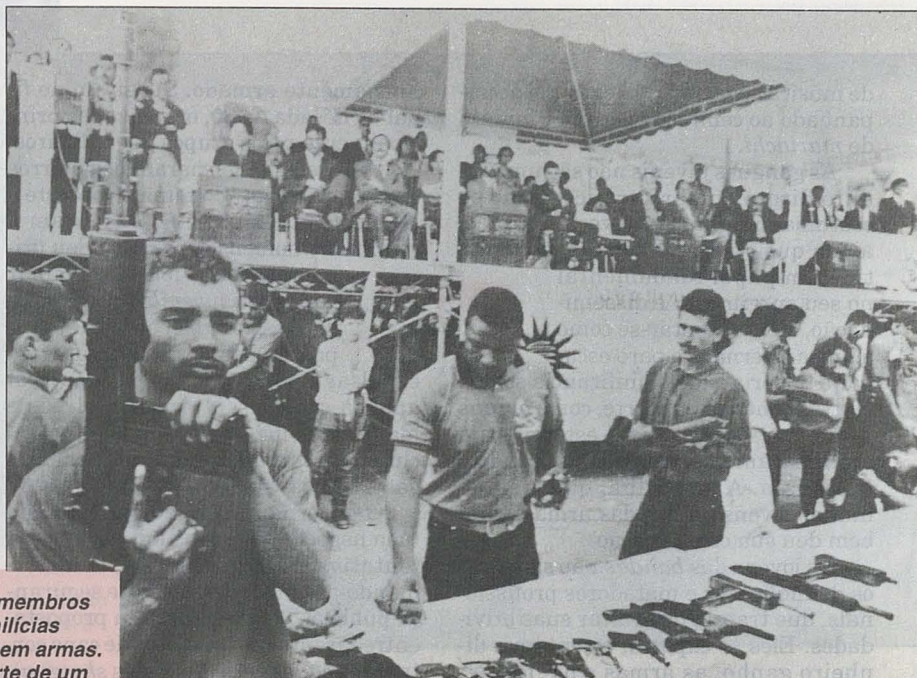
Os grupos vão se multiplicando e torna-se difícil ter uma visão geral e distinguir as numerosas fontes de violência e morte na Colômbia: os criminosos comuns, a guerrilha, as milícias populares, o narcotráfico e seus *sicarios* (pistoleiros de aluguel), os paramilitares, as Forças Armadas, a polícia. Mas são as *bandas juvenis* e as milícias que proliferaram em Medellín desde a década passada que talvez melhor simbolizem a "cultura da morte" que se desenvolveu no país.

A expressão maior dessa cultura é o "sicario suicida", um pistoleiro que, a exemplo dos *kamikazes* japoneses ou extremistas árabes, se dispõe a executar atentados sabendo que não sairá com vida, a não ser que ocorra um milagre.

Esse fenômeno é revelado pelo jornalista Alonso Salazar, no seu livro "Não nascemos para semente", um horripilante relato da violência que domina Medellín, que tomou como ponto de partida a ação das *bandas juvenis*, gangues que infernizaram principalmente os bairros pobres da cidade desde o início dos anos 80.

"Contanto que eu faça o *presunto* primeiro, pouco me importa se vou junto", bravateou um adolescente num dos

Em Medellín, membros de uma das milícias urbanas depõem armas. O gesto é parte de um acordo com o governo, que iniciou negociações para "legalizar" as milícias, transformando-as em cooperativas de segurança pública



depoimentos registrados por Salazar. Esses jovens de Medellín não são levados à ação suicida pelo patriotismo, por ideal político ou religioso, ao contrário dos *kamikazes* e guerrilheiros, destaca o jornalista, hoje dedicado à pesquisa social numa ONG local, Corporación Región. "É uma questão cultural, tem a ver com a falta de perspectivas, a pobreza, a busca de afirmação e socialização que só encontra um caminho na violência, na criminalidade", conclui.

As gangues juvenis de Medellín – 16 anos como média de idade – não se comparam às nossas galeras, aos funks brasileiros. São bem armadas, assaltam, espalham o terror e a morte, se matam entre elas. Acabaram se constituindo num exército de reserva para os traficantes e todo tipo de gente que busca um acerto de contas, inclusive políticos que encomendam execuções como forma de solucionar divergências, algo muito comum na Colômbia.

No auge da violência juvenil em Medellín, a inteligência militar identificou 190 *bandas*. O tamanho é variado mas cada uma reunia algumas dezenas de membros, o que permite calcular em vários milhares de adolescentes e jovens metidos na delinqüência.

O fenômeno fez baixar drasticamente a média de idade das vítimas de

morte violenta na cidade: de 35 a 45 anos em 1986, 20-25 em 1988 e, em 1990, os jovens de 14 a 20 anos já eram 70% dos mortos.

"Festas" nos cemitérios – Pode-se ter uma idéia da mortandade entre os jovens de Medellín, e da sua estranha relação com a morte, visitando o cemitério San Pedro, perto do centro da cidade. Uma ala de gavetas mais recentes guarda os ossos ou as cinzas de mais de mil adolescentes mortos de 1990 para cá. A grande parede é toda ornamentada de flores naturais que, pelo estado que apresentam, são trocadas religiosamente com intervalo de poucos dias.

Aos domingos o local se converte numa grande festa, com os amigos, sobreviventes da "guerra", ouvindo música, bebendo e fumando maconha, tratando de partilhar alegrias passadas e presentes com os mortos. Tocam e cantam as canções preferidas do falecido, encostam o *baseado* próximo à gaveta como se ele pudesse fumá-lo.

O velório de alguns líderes desses grupos iniciaram essa "nova forma de assumir a morte, que contrasta com a nossa tradição cultural", escreve Salazar.

O "Flaco" (Magro) foi velado quatro dias, com seus companheiros bebendo aguardente, fumando e escutando a música. O corpo foi levado às esquinas do bairro e a missa teve salsa em lugar

de música sacra. Já o "Negro" foi acompanhado ao cemitério por um conjunto de *mariachi*.

As gangues juvenis não são um produto direto do narcotráfico, como se costuma simplificar, adverte Salazar, ainda que o negócio das drogas tenha tido um papel fundamental no seu surgimento e disseminação, ao apresentar-se como a única alternativa para escapar à miséria e à insignificância social. Outras centrais da morte, como alguns setores políticos e sociais, estimularam e utilizaram sua violência, segundo o jornalista. A guerrilha, que treinou muitos jovens no uso das armas, também deu sua contribuição.

Os jovens das *bandas* não são como os delinquentes e matadores profissionais, que tratam de ocultar suas atividades. Eles se expõem, ostentam o dinheiro ganho, as armas e os "feitos"; têm que afirmar sua coragem, fazer-se temer e admirar. Não se trata só de uma questão econômica, mas de impor uma identidade individual e coletiva.

O "trabalho" das milícias - A proliferação violenta das gangues gerou uma reação também mortífera: as milícias populares, uma versão mais comunitária e organizada, mais politizada e não-mercenária dos grupos de extermínio brasileiros, uma espécie de

linchamento armado. Surgiram ao final da década de 80, organizadas principalmente pelos grupos guerrilheiros.

Oito delas se formaram nos bairros que compõem as "Comunas Nordeste e Noroeste" de Medellín. Chegaram a reunir 650 homens em armas. Seu primeiro objetivo foi o de eliminar as *bandas juvenis* que assolavam os bairros populares, mas passou também a executar ou expulsar todos os que a população local aponta como assaltantes, ladrões e malfeitores indesejáveis no bairro, incluindo estupradores, viciados em drogas e homossexuais.

O governo iniciou no ano passado uma negociação com as milícias, numa tentativa de "legalizá-las", transformando-as em cooperativas de segurança pública. Três aceitaram a proposta, entregaram suas escopetas de cano cortado, os *changones* (do inglês *shotgun*), e ganharam armas mais modernas para a vigilância dos bairros, por um salário de 160 reais. Cinco milícias populares rejeitaram o acordo, supostamente cumprindo orientações da guerrilha.

"Agora já não executamos os delinquentes, prendemos e entregamos à polícia", explicou-nos o coordenador da Cooperativa de Segurança e Serviços da Comunidade, que atua num bairro da Comuna Noroeste, ainda oculto sob o nome de guerra "Juan Carlos". Sua

antiga milícia tinha um nome pomposo, "Do povo para o povo", denunciando a inspiração guerrilheira, tal como o termo "justiçamento" com que os milicianos se referem à execução.

Embora legalizados, ainda evitam ser fotografados sem capuzes. Um dos seus líderes foi assassinado depois de aparecer na televisão durante as negociações com o governo. "Temos muitas dívidas de sangue", explicou um deles, "El Negro", que deixou clara sua decisão de voltar à guerrilha ao menor sinal de descumprimento do acordo pelas autoridades legais. "Não acredito na paz, serei sempre miliciano e andarei sempre armado, por não confiar no governo e temer *vendetas*", afirmou.

A população parece agradecida a esses guardas comunitários com passado de exterminadores. "Antes deles limpavam os bairros dos bandidos, era impossível subir o morro", aprovou o taxista que nos levou ao local.

Mas alguns moradores mostram medo e desconfiança. Agora há tropeços entre os da cooperativa e os das milícias que rejeitaram o acordo com o governo. Estes "lançam granadas contra o bairro", informa um velhinho. Além disso, não é fácil confiar na disciplina e na obediência à lei por parte de quem já teve o poder de eliminar supostos delinquentes.



Na região de Guambia, camponeses plantam papoulas no meio de seus cultivos. Desde que os colombianos entraram no ramo, o preço da heroína no mercado norte-americano baixou nos últimos dois anos de 250 mil dólares o quilo para 80 mil

AMÉRICA LATINA

COLÔMBIA



A violência e pobreza não deixam muitas opções à juventude: na selva, jovem guerrilheiro limpa sua arma, preparando-se para o próximo combate; já num cemitério de Bogotá, menino de rua chora a morte do seu amigo, espancado até a morte, provavelmente pelas milícias



Ciranda da morte -

A dialética da violência não se interrompe. É indexada como a inflação, se auto-alimenta de ódios, de famílias buscando vingar seus mortos, de uma cultura que exclui outras formas de solução de conflitos que não seja a violência. Em Medellín ocorrem cerca de seis mil assassinatos por ano, segundo as autoridades locais. É praticamente o mesmo número do Grande Rio, numa população cinco vezes menor, de 1,8 milhão de habitantes.

As gangues e milícias se somam a outras variadas formas de violência, como a delinqüência comum individual, outros tipos de quadrilhas e o narcotráfico. A violência vem também da polícia, em quem ninguém confia e cuja inoperância, corrupção e arbitrariedade são apontadas como uma das principais causas dessa ciranda da morte.

Curioso é que outros serviços públicos funcionam. A empresa de saneamento básico de Medellín é considerada um modelo de eficácia até pelos norte-americanos e atende a 98% da população. Há escolas suficientes, a tradição comunitária da população permite a construção de bibliotecas e diversas benfeitorias, através de mutirões, en-

quanto a prefeitura comparece fornecendo infraestrutura, como linhas de telefones.

O poder da droga -

É comum atribuir-se ao narcotráfico a origem da grande violência atual em cidades como Medellín e o Rio de Janeiro (ver matéria coordenada). O tema se presta à "satanização", porque envolve moralismo e preconceitos, adverte o psiquiatra colombiano Luis Carlos Restrepo, que defende a descriminalização do consumo de drogas como condição para o desenvolvimento de uma política democrática de prevenção, que substitua o autoritarismo reinante.

Esquece-se de que as drogas ilegais irromperam como um grave problema social muito recentemente, aproveitando-se justamente de uma cultura anterior de ilegalidade e violência. O caso da Colômbia é exemplar. O grande marco de violência no país foi a guerra civil dos anos 50 que ceifou 300 mil vidas e gerou uma dinâmica de matança política e social que perdura até hoje.

Por outro lado, a tradição generalizada de contrabando e uma forte migração para os Estados Unidos foram decisivas para que as máfias colombianas dominassem o mercado da cocaína, segundo o historiador Dario Betancourt, autor de um longo estudo a respeito, que publicou sob o título "Contra-

bandistas, marimbeiros e mafiosos" (*marimbeiros* eram traficantes de maconha, que tiveram seu auge antes dos *barões* da cocaína).

Dos 30 mil assassinatos que ocorrem na Colômbia a cada ano, "no máximo 15%" têm a ver com grupos de traficantes e com a guerrilha; a maior parte é resultado da delinqüência comum, garante Betancourt, que prefere conceituar como *máfias* os cartéis da droga que se formaram no seu país, como a da cocaína.

Outro mito são as "cifras aleatórias e exageradas" que se divulgam sobre o mercado das drogas, critica o economista Eduardo Sarmiento, da Universidade de Los Andes, Bogotá, depois de estudar detidamente a questão do ponto de vista econômico. Segundo algumas fontes, as vendas de cocaína no mundo chegariam perto dos 150 bilhões de dólares anuais. Na sua opinião, isso seria um paradoxo, já que esse montante representa mais do dobro do PIB somado da Colômbia, Peru e Bolívia, os grandes produtores. Todos reconhecem que só a Colômbia detém 70 a 75% da oferta de cocaína no mundo.

Sarmiento calculou em 13 bilhões de dólares o mercado mundial da cocaína e entre 900 milhões a 1,3 bilhão o dinheiro que entrava na Colômbia anualmente, até 1990, pela exportação da droga. Essa quantia chegou a cerca de 2 bilhões, com a abertura da economia e a liberalização do câmbio nos úl-



Os massacres são realizados por profissionais e em geral permanecem impunes (acima, a população da localidade de Caloto observa os cadáveres de 20 camponeses, mortos por um grupo de 60 homens fortemente armados)

timos anos, o que corresponde a mais de um quarto do total das exportações legais do país.

Ainda que reduzidas às dimensões estimadas por Sarmiento, as receitas do tráfico ajudaram a Colômbia a escapar à crise da dívida externa que assolou a América Latina e agravou problemas sociais. Mas o economista argumenta longamente, com cifras e critérios técnicos, para provar que os danos na sociedade colombiana foram maiores que os benefícios. A repressão nos mercados consumidores é nada mais que uma forma de transferir custos para os países produtores e isso torna difícil a solução do problema que, na sua avaliação, seria legalizar as drogas.

O tino empresarial dos traficantes – O preço final da cocaína nas ruas dos Estados Unidos chega a 25 vezes o custo da sua produção na Colômbia, uma rentabilidade monumental que gera fortunas capazes de corromper Estados e vastos setores da população e de gerar distorções perigosas na economia, violência e destruição de valores sociais, adverte Sarmiento.

A chave do negócio não é tanto a produção, concordam Eduardo Sarmiento e outros colombianos que estudam o narcotráfico. A coca do Peru e da Bolívia é, inclusive, mais produtiva, e desses países provém grande parte da pasta básica que os colombianos refinam e exportam.

A parte do leão fica com quem controla a industrialização final e o trans-

porte da cocaína para o maior mercado consumidor, os Estados Unidos. O México aparece como possível grande competidor da Colômbia, porque é onde se concentra o *know-how* da entrada ilegal nos Estados Unidos, produto de um fluxo migratório incontrolável na fronteira mais vulnerável do grande mercado.

A Colômbia chegou ao domínio do mercado da droga pela capacidade empresarial dos seus traficantes, avalia Sergio Uribe, um assessor do governo colombiano. O segredo foi baixar o preço da cocaína oferecida nos Estados Unidos, de 230 mil dólares o quilo em 1973, para 20 mil dólares em 1993, ampliando assim o mercado consumidor e abastecendo-o regularmente.

A heroína vai pelo mesmo caminho depois que os colombianos entraram nesse ramo: baixou de 250 mil dólares o quilo para 80 mil dólares nos dois últimos anos, garante o especialista em desenvolvimento alternativo para substituir o cultivo da coca.

O transporte e o controle das rotas para os grandes mercados garantem os maiores lucros do negócio, que estão em relação direta com os riscos. Um dos meios usados pelos cartéis colombianos são aviões pilotados por veteranos do Vietnã, que as autoridades norte-americanas temem derrubar porque significaria um processo judicial de grande repercussão, segundo Uribe.

Ainda assim, as perdas são inevitá-

veis. O México aparece como um intermediário que permite maior segurança, por isso estaria se tornando um sócio cada vez mais importante dos colombianos. Os indícios de que mexicanos já se organizaram como máfia da droga aparecem, inclusive, nos recentes assassinatos políticos naquele país. (ver **cadernos do terceiro mundo**, nº 183).

Extensa rede – O narcotráfico pode não ser a origem da criminalidade, mas é um enorme fator de potencialização e articulação dos vários tipos de violências e ilegalidades, pelas grandes fortunas que movimenta e a forma em que é obrigado a organizar-se para expandir-se. Isso fica claro na Colômbia e nos países consumidores, como o Brasil.

O crime organizado dá um salto qualitativo, passa a dispor de uma fonte de renda que lhe



AMÉRICA LATINA

COLÔMBIA

possibilita importar as melhores armas, subornar a polícia e populações inteiras, constituir uma grande fonte de “emprego”, com suas extensas redes de *aviões*, *olheiros*, *seguranças*, *mulas*, *cúmplices*.

A multiplicação das *bandas juvenis* em Medellín coincide com o *boom* das drogas. Ainda que partindo de motivações distintas, foi o enriquecimento dos *sicarios* – que freqüentavam suas comunidades com motos e carros de último modelo, além de outras ostentações – o grande estímulo para que adolescentes ingressassem em massa no mundo do crime, diagnosticou Alonso Salazar.

A culpa também é da guerrilha

– A guerrilha colombiana, que hoje se constitui em mais um “modo de vida” do que num movimento que busca o poder, segundo muitos analistas, em parte deve sua sobrevivência ao narcotráfico, na opinião de Restrepo. Os grupos guerrilheiros dominam hoje muitas áreas de produção da folha de coca e pasta básica, são a “força reguladora”

dessa produção, por cuja proteção obtém uma abundante arrecadação.

“A guerrilha cobra impostos sobre as drogas ilícitas, enquanto o Estado fica com os das drogas lícitas”, resume Restrepo. Com isso, dispõe de recursos sem precedentes para armar-se e fortalecer-se militarmente, inclusive atraindo combatentes pela remuneração.

Os cálculos são de que a guerrilha colombiana ainda mantém 14 mil homens em armas, distribuídos por várias regiões do país e diferentes grupos. Com mais de 40 anos, trata-se de um fenômeno de longevidade e anacronismo, para quem vê de fora. É outro indicador da singularidade da Colômbia.

A guerrilha está no centro de outra torrente de violência, desta vez nas regiões predominantemente rurais. Para combatê-la, o exército, os latifundiários e o narcotráfico criaram os grupos paramilitares que passaram a dar sua “contribuição” à matança e truculência de todas as forças em confronto. São tropas irregulares que escapam ao controle e que o governo agora tenta “legalizar”, tal como o faz com as milícias populares das cidades.

Poderes paralelos

– Todas essas forças ilegais – guerrilha, as máfias de traficantes com suas tropas de *sicarios*, as milícias urbanas, os paramilitares, as *ganges juvenis* – fazem suas próprias leis nas áreas que controlam, estabelecem regras, impostos, aplicam punições, se arrogam poderes de juiz e carrasco. Tendem a comportar-se como Estados, dilaceram o país. São numerosos os estudos que vêem o Estado colombiano como “inacabado”, “em construção” ou “fragmentado”, por sua debilidade e incapacidade de arbitrar conflitos. Alonso Salazar prefere dizer que o problema do seu país não é, como pensa a

maioria, a falta de Estado, mas sim o “excesso de Estados”.

Todo esse quadro mostra uma Colômbia perigosamente dividida entre um país oficial e outro ilegal, em que o segundo alcança dimensões inimagináveis noutras nações e retira do Estado legal capacidade para exercer muitas das suas funções. Com a entrada de bilhões de dólares do narcotráfico, o governo é impotente para fazer política cambial, explica Eduardo Sarmiento.

Por sorte, uma aliança entre tantas forças do mundo ilegal parece impossível, pois do contrário a própria sobrevivência do Estado oficial estaria ameaçada. A guerrilha e o narcotráfico, as mais poderosas dessas forças, têm interesses comuns em momentos como o da produção de drogas, a primeira garantindo o fornecimento de matérias-primas ao segundo, mas se chocam em outras frentes.

“Viva la muerte!” – Agravando tudo, como conseqüência e causa dessa situação, está a política colombiana. Por 40 anos vigorou o estado de sítio. Só no ano passado vieram a se realizar eleições diretas para governadores de vários departamentos (estados). A abstenção chega a 70% nas eleições parlamentares e a 60% nas presidenciais. Os partidos Conservador e Liberal se alternam no poder, nunca se viabilizou uma alternativa social-democrata, muito menos de esquerda. Os que o tentaram foram sistematicamente assassinados, assim como grande número de sindicalistas.

Isso ajuda a explicar a persistência da guerrilha, único caminho para quem tem idéias de esquerda, e a contrapartida em termos de fuzilamentos e seqüestros de latifundiários e políticos locais de direita.

Chamar isso de “narcodemocracia” soa um duplo contra-senso. Tal como estão as coisas hoje, o narcotráfico é a negação da democracia, tanto pelos que o praticam como, freqüentemente, pelos que o combatem. E é difícil conciliar a idéia de democracia com a existência de tantos seguidores daquele general espanhol franquista, cuja palavra de ordem era *Viva la muerte!*

* Mario Osava é correspondente da agência Inter Press Service (IPS) no Brasil e participou recentemente de um seminário sobre drogas em Medellín



Num procedimento que mostra o clima reinante, policiais revistam as pessoas antes de permitirem sua entrada nas zonas eleitorais